

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A construção pós-moderna da epistemologia social. O espaço hermenêutico ocupado pela sociologia da ciência.

Fabrício A. Deffacci, Marcelo Fetz y Lerisson C. Nascimento.

Cita:

Fabrício A. Deffacci, Marcelo Fetz y Lerisson C. Nascimento (2009). *A construção pós-moderna da epistemologia social. O espaço hermenêutico ocupado pela sociologia da ciência. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1175>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A construção pós-moderna da epistemologia social

O espaço hermenêutico ocupado pela sociologia da ciência

Fabício A. Deffacci

Universidade Estadual Paulista (UNESP)
f_deffacci@yahoo.com.br

Marcelo Fetz

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
marcelofetz@uol.com.br

Lerisson C. Nascimento

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
lerisson@gmail.com

Introdução

A concepção hermenêutica construída no século XIX através de um modo específico de historicismo se apresenta como uma referência sólida para o direcionamento teórico-epistemológico das ciências humanas, em especial a partir do século XX. Se considerarmos que a Hermenêutica, enquanto teoria direcionada para a epistemologia, sofreu um processo de intensa sistematização no século XIX por meio do historicismo de Dilthey, acreditamos que seja viável a mensuração de sua influência no modelo da epistemologia social contemporânea.

Em se tratando dos esforços contemporâneos dentro da epistemologia social, parte significativa das tendências teóricas afirma a dissolução das categorias analíticas fixas elaboradas no campo do pensamento social clássico (positivismo e marxismo). Neste caso, a teoria social contemporânea aparece sustentada pela fragmentação do universo social em horizontes de sentido diferenciados. Tal diferenciação produz uma forma impar de análise dos fenômenos sociais, tendo em vista que a própria concepção de sociedade foi profundamente alterada.

Observaremos neste trabalho o deslocamento da teoria social no século XX, o qual impulsionou a construção de um novo modelo epistemológico para a ciência do social. Trata-se, pois, de uma leitura das principais tendências teóricas que apareceram no século passado dentro da Sociologia. Com isso, iremos percorrer, em um primeiro momento, os principais aspectos teóricos presentes nos autores que indicaram a alteração do universo social, o qual deixou de ser entendido no quadro estruturalista e, em certos casos, também funcionalista.

Adiante, encontramos no século XX uma concepção relativista do universo social que gradativamente reflete a relativização da dimensão analítica das ciências humanas como um todo. Essa via de relativização aparece na Sociologia vinculada ao debate pós-moderno, com ênfase para as perspectivas que apontam para uma *sociedade pós-industrial* e caracterizada pela *era da informação* na contemporaneidade. Deriva desse percurso teórico-conceitual a Sociologia da Ciência, como uma forma nova de avaliar a ciência e, ao mesmo tempo, desenvolver a epistemologia social contemporânea, condicionando a abordagem da atividade científica aos limites da interpretação, o que retoma de maneira radicalizada a via hermenêutica.

1. O duplo aspecto da construção hermenêutica: teoria e método

O ponto de partida da concepção hermenêutica sistematizada por Dilthey no século XIX por meio das Ciências do Espírito é a *compreensão*. Compreender implica uma tentativa de neutralizar o modelo das Ciências Naturais que é baseado na explicação, uma vez que a atitude compreensiva, elevada ao nível epistemológico, aponta para a realidade configurada além da causalidade da natureza: a realidade histórico-social. “Como fundamento da compreensão das ciências do espírito, Dilthey estabelece uma ‘psicologia compreensiva’, que se opõe explicitamente à psicologia das ciências naturais, casualmente esclarecedora. ‘A natureza, nós a esclarecemos, mas a vida da alma, nós a compreendemos’.” (Coreth, 1973:20).

O que em certos momentos pode não ser contemplado é o fato de que o ato da compreensão ultrapassa o campo epistemológico. Trata-se, pois, de pensar a compreensão, bem como o modelo das Ciências do Espírito, de uma maneira abrangente: abertura para uma nova concepção de realidade, o que significa a busca por uma ontologia não mais modelada no quadro teórico-filosófico da modernidade. De maneira semelhante, as propostas da filosofia moderna foram mantidas no âmbito do conhecimento. Não era qualquer forma de conhecimento que estava em

questão, antes a busca foi pela afirmação de um conhecimento seguro, imaculado de qualquer traço da tradição e das opiniões não filtradas pelos procedimentos científicos.

“Quisesse alguém reconstruir o debate filosófico dos tempos modernos na forma de um júri, esse teria que ser convocado para decidir sobre a seguinte questão: como é possível adquirir um conhecimento digno de crédito. Foi somente o século passado que cunhou o designativo teoria do conhecimento; o assunto, assim nomeado retrospectivamente, é o tema por excelência da filosofia moderna, pelo menos nos umbrais do século XIX.” (Habermas, 1987:25).

Os procedimentos científicos foram produzidos a partir do modelo das Ciências Naturais, e com isso o viés teórico optou por uma concepção estática de objeto (*natura*), o qual aceitaria a aplicação do método experimental (causal) que pudesse tornar claro e indubitável na esfera do conhecimento as propriedades fundamentais da natureza, suas leis gerais. Pensar a realidade de modo estático e submetê-la ao método experimental foi o principal esforço da teoria do conhecimento. Entretanto, essa característica foi entendida por meio da Hermenêutica como a principal dificuldade para o horizonte científico nascente no século XIX: as ciências do Homem.

Conforme entende Dilthey (1986), o modelo epistemológico moderno demonstra ser parcial na medida em que o Homem precisa ser investigado. Tal investigação só é possível quando assume o Homem, unidade psicofísica de vida e inserido em um contexto histórico-social, como objeto distinto da natureza, sendo o seu comportamento não estático e constantemente determinado e determinante no meio em que vive. O Homem em seu contexto configura um campo de interação, no qual ambos são mutuamente constitutivos, o que exige uma abordagem hermenêutica e prioriza a compreensão.

Em se tratando do meio (contexto histórico-social), a perspectiva apresentada por Dilthey reivindica uma nova definição da ontologia, ou uma cosmovisão inédita. Trata-se de uma História sem determinismo e/ou teleologia. A *unidade evolutiva* do processo histórico, defendida pelos representantes da Filosofia da História (p.ex. Comte, Hegel e Marx) não consegue permanecer intacta ao desafio proposto pela Hermenêutica em seu estágio teórico: observar a história como horizontes de sentido combinados e ordenados por meio da diferenciação inerente à esfera da cultura.

Assim, a Hermenêutica rompe com o modelo das Ciências Naturais quando estabelece a compreensão como método adequado de abordagem do Homem. E, também recusa a Filosofia da História quando indica uma nova constituição ontológica, respeitando a diferenciação presente no universo social. O amálgama desses dois traços da Hermenêutica possibilita entender a construção da teoria social no século XX, a qual emerge comprometida com a diferenciação cultural existente na sociedade e que por vezes é sintetizada na noção de *cotidiano*.

2. Hermenêutica e Teoria Social

A sociologia contemporânea pode ser pensada dentro de um quadro teórico que é demarcado por meio da concepção de *mutação*. De um lado, pelo viés da Teoria Social, a concepção acerca da sociedade transitou de um modelo com elevado grau de rigidez, interessado na redução do comportamento social a categorias fixas e que pudessem ser operacionalizadas com maior precisão discursiva, para um modelo dinâmico de realidade, no qual a descoberta dos princípios norteadores da sociedade se dá por meio de uma constante tentativa de adequação entre os elementos constituidores do discurso científico e a realidade observada.

Este ponto pode ser constatado, entre outras análises, na perspectiva de Maffesoli, para quem a passagem de um ponto-de-vista estático para um ponto-de-vista dinâmico na Teoria Social é avaliada por meio das noções de sociabilidade e de socialidade, respectivamente. Por derivação desta passagem ocorre a transição do modo como a Sociologia se auto-compreende no âmbito epistemológico, de sorte que, ainda na via apresentada por Maffesoli (2007:32), o principal objetivo passa a ser o de “*fazer uma sociologia do lado de dentro*” capaz de considerar que “à heterogeneização do mundo deve corresponder uma compreensão sistêmica do espectro consideravelmente extenso”.

Nesta direção, pode-se anteceder o percurso teórico que possibilita tal concepção de sociedade e, com isso, entendê-la de maneira mais ampla. Se consideramos que em determinado momento da Teoria Social do século XX a noção de sociedade passou a ser entendida como *cotidiano* visualizamos, então, o registro mais profundo do que enunciamos como *mutação*. Apoiado nas premissas desenvolvidas na Fenomenologia de Husserl e Heidegger, Schütz (1979) se propôs a compreender o funcionamento das relações sociais a partir de um horizonte teórico “flexível”: o mundo da vida (*Lebenswelt*).

De maneira semelhante ao esforço empreendido por Claus Offe (1989), quando se interessa pela fragmentação das bases analíticas estáticas derivadas da categoria *trabalho* que, por sua vez, conduz a uma redução da sociedade à esfera econômica, Schütz tenta perceber a realidade social de maneira próxima à multiplicidade dos eventos sociais particulares, os quais se manifestam com elevado nível de “espontaneidade” dentro das diferentes configurações geradas pelas relações sociais. Em decorrência desta percepção, a moldura que delimita a atuação da Sociologia é colocada num estágio transitório entre a busca de *categorias formais* e a exploração minuciosa da sociedade.

Habermas (1987) busca na proposta hermenêutica, desenvolvida nos moldes das *ciências do espírito* de Dilthey, o ponto de sustentação para a exposição da sociedade enquanto um *complexo vital* que se articula por meio da interação entre indivíduos e instituições sociais atravessados por um *sentido* comum que permite, diante de um campo vivencial compartilhado, a formação do cotidiano como foco de abordagem da Sociologia.

Se tanto Schütz quanto Habermas demonstram o deslocamento do campo de referência da Sociologia, bem como da sua própria atuação investigativa, foi Certeau (1994) quem, certamente, se dedicou a vasculhar o *cotidiano*. Sua inquietação acerca das *operações dos usuários* da cultura revela com base na proposição de Wittgenstein de que a linguagem se constitui dentro do ambiente ordinário, que as práticas sociais, apesar de serem previamente orientadas por um horizonte simbólico já estabelecido, colocam a cultura em constante processo de reatualização. Deriva, imediatamente, da análise de Certeau não apenas a afirmação do pressuposto no qual a sociedade deve ser pensada à luz do cotidiano em que é constituída, mas um modo de percepção de tal pressuposto. E, nesta direção, as práticas cotidianas condicionam a percepção de mundo dos sujeitos praticantes ocasionando, por conseguinte, um interesse na avaliação destas práticas e as transformações sociais que promovem como foco central da abordagem sociológica.

Em vista deste encadeamento da *sociedade* através do *cotidiano* pode-se conceber a construção das diferentes esferas da sociedade em paralelo com as ações aparentemente desconstruídas dos indivíduos. Entre tais esferas importa destacar para a construção desta análise a relevância assumida pelo conhecimento ordinário em um movimento de deslocamento desde a negatividade que aparece no instante em que as tendências cientificizantes da modernidade o percebem como um perigo para a produção de um conhecimento seguro sobre a realidade até o momento em que não pode mais ser desconsiderado em função da ausência de rigor em sua construção. Em outras palavras, mesmo não sendo sistematicamente construído, o conhecimento que resulta das práticas

cotidianas impulsiona o movimento da sociedade e precisa ser considerado com base em sua significação para a construção da realidade social.

3. Hermenêutica e epistemologia social na pós-modernidade

A afirmação de que as teorias elaboradas no século XX precisaram levar em consideração a *morte do sujeito* é nosso ponto de partida quando pensamos em uma epistemologia social contemporânea. Foucault (2004) nos faz entender que o *sujeito* moderno não pode mais ser o referencial epistemológico das ciências humanas e, ao mesmo tempo, os critérios de cientificidade foram repensados sem a unidade conceitual que a modernidade filosófica sistematizou.

O declínio do *sujeito*, como expressão do esgotamento de um modelo epistemológico, é apreciado no estágio contemporâneo por meio da afirmação da *pós-modernidade*. Conforme a perspectiva apresentada por Hall (2005), a contemporaneidade deixou para trás os ideais teóricos da modernidade. O pensamento moderno produziu com base nos moldes do racionalismo cartesiano o *sujeito cognoscente*, o qual foi responsável por unificar a realidade (*natura*) com o propósito de apreendê-la em suas leis gerais. No século XIX vamos encontrar, principalmente a partir do marxismo, a formulação de um *sujeito sociológico* que já admite a diferenciação social (classes sociais antagônicas), mas ainda busca a unidade como esforço de superação da diferença (a verdade histórica que deve ser alcançada pelo proletariado). O *sujeito pós-moderno*, síntese de grande parte das pretensões contemporâneas, não converge para qualquer tipo de unidade em sua fase mais desenvolvida. O cenário teórico é de diferenciação extremada, ocasionando um relativismo sócio-cultural que chega a promover um relativismo epistemológico de difícil superação.

O *sujeito* da Sociologia, encarregado de observar a realidade social, emerge dentro da própria realidade observada. *Sujeito* e *objeto* não são dimensões separadas no processo de conhecimento na epistemologia social contemporânea e, devido a isso, a fragmentação da realidade (horizontes de sentidos diferenciados) enunciada pela Hermenêutica agora aparece como fragmentação na epistemologia. Este traço, talvez a principal característica da epistemologia social contemporânea, passa a nortear o desenvolvimento de uma nova área: a sociologia da ciência.

É necessário argumentar que nem todo direcionamento recebido pela epistemologia social contemporânea aceita com passividade o processo de fragmentação. Autores como, por exemplo, Mannheim e Habermas procuraram contornar essa via. A Sociologia do Conhecimento

sistematizada por Mannheim (1976) concorda com a diferenciação sócio-cultural, mas em seu desdobramento epistemológico pretende unificar os pontos de vista dos grupos sociais na forma de uma *síntese* que deveria ser construída pela *intelligentsia*. De maneira semelhante, Habermas (1987) aceita a realidade social na forma de *cotidiano*, com a ausência de estruturas fixas, mas tenta deixar a abordagem sociológica no âmbito analítico por meio da noção de *eu-identidade*; o *eu* que observa a realidade social é produzido na realidade observada, mas pode atuar como representante de uma unidade social que o atravessa.

Entretanto, a Sociologia da Ciência, em certa medida herdeira dos pressupostos da Sociologia do Conhecimento manheimiana, radicaliza o viés hermenêutico, pulverizando as categorias fixas que eram responsáveis pela investigação analítica na gestação da ciência do social no século XIX. Assim, a Sociologia da Ciência emerge filiada ao quadro de uma “nova filosofia da ciência” que recusa o modelo de cientificidade elaborado pela modernidade, conforme afirmam Giddens e Turner (1999:09):

“Durante as duas últimas décadas, entretanto, ocorreu uma mudança decisiva. No seio da filosofia da ciência natural o primado do empirismo lógico se esfumou sob os golpes de autores como Kuhn, Toulmin, Lakatos e Hesse. Em seu lugar surgiu uma “nova filosofia da ciência”, que repudiava inúmeras teses das visões precedentes. Resumindo em traços gerais essa nova concepção, é afastada a idéia de que podem existir observações isentas de teoria, enquanto os sistemas de leis dedutíveis entre si já não são entronizados como o ideal supremo da explicação científica. Mais importante ainda, considera-se a ciência como um esforço interpretativo, de modo que problemas como significado, comunicação e tradução se tornam imediatamente relevantes para as teorias científicas. Tais desenvolvimentos na filosofia da ciência natural influenciaram de maneira inevitável a reflexão sobre as ciências sociais, ao mesmo tempo que fomentaram uma crescente desilusão com as teorias dominantes da ciência social ‘ortodoxa’.”

A Sociologia da Ciência ganha força a partir da década de 1990. Sua pretensão não está mais colocada em determinar os critérios estritamente racionais que norteiam a Ciência. De modo distinto, importa para essa nova área dentro da Sociologia a pulverização inerente à atividade da ciência, em vista da qual a produção científica passa a ser observada por meio do conjunto de interesses que impulsiona a ciência enquanto instituição social. Conforme indica Schwartzman (2001:03):

“Por trás da aparência de lógica e racionalidade, que surge nas publicações científicas e dos produtos tecnológicos acabados, assim como nas declarações públicas dos cientistas, existe um mundo totalmente humano de decisões baseadas em interesses, idéias aproximadas e tentativas, disputas de poder, decisões oportunistas sobre temas e prioridades, e o uso da retórica para conquistar aliados e derrotar os inimigos. Os conhecimentos científicos não seriam diferentes de outros tipos de conhecimento, e as escolhas de temas e as práticas dos cientistas estariam tão influenciadas por variáveis sociológicas, culturais e políticas como quaisquer outras práticas humanas. Na ciência, como na vida, vale tudo, “everything goes” como diria o filósofo Paul Feyerabend. O “método científico” não passaria de uma construção *ex-post*, de existência problemática e duvidosa.”

Neste sentido, a Sociologia da Ciência demonstra a presença forte do pressuposto hermenêutico que envolveu a teoria social no século XX e, ao mesmo tempo, demarcou o direcionamento da epistemologia balizada pela *interpretação*. Por conseguinte, o modelo interpretativo da epistemologia social impulsionado pela Sociologia da Ciência fornece ao campo investigativo da Sociologia a posição de renúncia em relação a qualquer tentativa de produção de teorias de “logo alcance”, restando um conjunto corrente de descrições que aos poucos buscam níveis analíticos que carecem de integração gnosiológica com as demais áreas dentro das ciências humanas.

Bibliografía

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- CORETH, Emerich. *Questões Fundamentais de Hermenêutica*. São Paulo: Edusp, 1973.
- DILTHEY, Wilhelm. *Crítica de la Razón Histórica*. Barcelona: Ediciones Península, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. São Paulo: DP&A Editora, 2005.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- OFFE, Claus. *Capitalismo Desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SCHUTZ, Alfred. "Bases da fenomenologia". In: WAGNER, H. (Org). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para a Ciência: A formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília/DF: CNPq/MCT, 2001.
- TOURAINE, Alain. *A sociedade post-industrial*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.